

## GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISA SOBRE AVALIAÇÃO NA ESCOLA PÚBLICA/GEPAEP

**Coordenadora: Maria Teresa Esteban**  
**Instituição: Universidade Federal Fluminense**

### **Apresentação**

Os trabalhos apresentados ao *IV Congresso de Grupos de Pesquisa sobre Crianças e Infâncias* tratam de questões desenvolvidas pelo GEPAEP, coordenado pela Professora Doutora Maria Teresa Esteban. O grupo de pesquisa se vincula ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense e se articula ao GRUPALFA, grupo interinstitucional sediado na Faculdade de Educação da UFF e coordenado pela Professora Doutora Regina Leite Garcia. O Grupo de Pesquisa é composto por estudantes de Graduação em Pedagogia, do Mestrado e do Doutorado em Educação da Universidade Federal Fluminense e professoras de escolas públicas envolvidas no projeto que atualmente articula o grupo: *Avaliação institucional e cotidiano escolar: desafios e possibilidades da reconstrução de práticas no processo de democratização da escola pública*. Neste momento, há cooperação com o Grupo de Estudos e Pesquisa em Avaliação e Currículo (GEPAC), da UNIRIO, coordenado pela Professora Doutora Claudia de Oliveira Fernandes, atualmente participando também do GEPAEP.

Sob minha coordenação, o grupo de pesquisa vem discutindo processos cotidianos de avaliação com foco em escolas públicas, a partir das experiências de professoras que participam de projetos que desenvolvemos. Nosso trabalho se articula pelo compromisso com a produção de processos de avaliação da relação aprendizagem-ensino mais favoráveis à aprendizagem das crianças, especialmente as das classes populares, contribuindo com a produção de uma escola democrática e popular articulada aos projetos sociais de emancipação. Nesse sentido, o estudo e a reflexão sobre a educação das infâncias constituem fios centrais de nossa pesquisa e se traduzem, aqui, nos trabalhos que compõem o painel por nós proposto.

O trabalho **Infâncias e Processos de Escolarização** discute essa relação trazendo a condição infantil contemporânea na América Latina, a partir das epistemologias das infâncias. As tensões existentes entre o projeto de escola moderno ocidental e as infâncias presentes na escola levam à problematização dos processos de escolarização relacionados especialmente a seu tempo, espaço e processos de produção de conhecimentos. Em seguida, as práticas de avaliação assumem a centralidade no debate proposto pelo trabalho **Infâncias e Avaliação na Pré-Escola: desafios cotidianos da/na Educação Infantil**. O texto discute as concepções de infância que fundamentam as propostas de avaliação presentes no cotidiano da educação infantil e problematiza a constituição de práticas que dialoguem com a pluralidade da infância legitimando seus diferentes modos de ser e estar e sua potência. A problematização das práticas no cotidiano da educação infantil se apresenta também como *espaçotempo* de formação docente. Essa questão sustenta o trabalho **Professoraspesquisadoras: práticas e (des)aprendizagens com o cotidiano da Educação das Infâncias**, articulado pelas inquietações docentes que desafiam à reinvenção dos processos por meio da reflexão sobre a própria prática, como ato político que permite a ruptura com a colonialidade do saber e o encontro da sala de aula como espaço coletivo de formulação de novas práticas e novas significações.

Com esse painel, trazemos ao debate algumas das abordagens que vêm orientando nossa atuação, comprometida com práticas pedagógicas produzidas não somente para, mas, sobretudo, com as infâncias.

## INFÂNCIAS E PROCESSOS DE ESCOLARIZAÇÃO

**Claudia Fernandes  
Laisa Bello Hermelino**

O trabalho discute a relação entre as infâncias e os processos de escolarização. A condição infantil contemporânea é vista a partir das epistemologias das infâncias (BAQUIRO, 2012) e problematiza-se os processos de escolarização relacionados especialmente ao tempo, espaço e produção de conhecimentos escolares, da escola Moderna Ocidental em contradição com a condição infantil contemporânea na América Latina. Na primeira parte do trabalho, apresenta-se uma análise a partir da história de construção da Escola Moderna e dos estudos decoloniais na relação com a construção dessa escola tradicional, tal qual a conhecemos. Considera-se que a história da organização escolar não se deu de forma linear e evolutiva e que o caráter não linear da história da educação se faz importante para situar a história dos sistemas escolares e dos processos de escolarização, entendendo-os como produtos culturais, sociais e até mesmo econômicos e políticos da cada época (FERNANDES, 2011). Parte-se da hipótese de que o contexto de universalização da infância nos séculos XIX e XX marca profundamente a organização da escola com seus ritos e rotinas, suas formas de organização dos tempos e espaços, do currículo e as relações entre adultos e crianças. Argumenta-se que a escola desenvolveu mecanismos e formas de governar a infância que passaram a fazer parte de sua cultura. Ao problematizarmos as infâncias e as crianças sul americanas contemporâneas, como produtoras de cultura que, tanto são governadas como governam, arriscamos dizer que a escola e seus processos de escolarização e seus rituais e relações continuam marcados por uma concepção de infância ocidental e Moderna, o que pode gerar cotidianos conflituosos e ambíguos para as crianças e professoras(es). Na segunda seção do texto, questiona-se a concepção de infância que norteou a construção dessa escola e as contradições, dilemas e tensões que permeiam o cotidiano da educação infantil a partir de alguns dados de campo, de uma turma de educação infantil com crianças de 3 e 4 anos. Para a realização da pesquisa, questionam-se práticas que enxergam as crianças através da falta e não de suas capacidades e reconhecem-se os saberes dos sujeitos da infância para conhecer melhor a infância ou as infâncias. O que elas nos dizem e nos ensinam sobre os processos de escolarização? Quais os desafios da professora pesquisadora que reconhece o *outro criança* como sujeito e como parceiro em sua tarefa de ensinar? Utilizando o paradigma indiciário (GINZBURG, 1991) busca-se nos detalhes, nas minúcias que acontecem no dia a dia, pistas que ajudem a compreender o espaço e o tempo escolar, levando em consideração que muito nos passa despercebido. Concordando com Bakhtin, podemos ver apenas algumas coisas, outras nos fogem da visão, da nossa percepção, e podemos considerar que as crianças conseguem ver muitas coisas que nos escapam, as crianças funcionam como o excedente de visão, deixando pistas em suas falas, suas relações cotidianas, suas opiniões e reflexões sobre as tarefas e solicitações escolares.

**Palavras-chave:** escolarização; epistemologias das infâncias; cultura escolar

## INFÂNCIAS E AVALIAÇÃO NA PRÉ-ESCOLA: DESAFIOS COTIDIANOS DA/NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Bruna de Souza Fabricante Pina  
Virgínia Louzada

O presente trabalho objetiva socializar algumas reflexões sobre a avaliação da aprendizagem e as infâncias. Para tanto, recorreremos às nossas inquietações e aos nossos estudos para pensarmos como o avaliar se materializa no cotidiano da educação infantil, modalidade pré-escola, buscando compreender as concepções de infância que fundamentam tais propostas.

Desta maneira, iniciamos o nosso texto fazendo um breve panorama acerca da infância, compreendendo a mesma como uma categoria social que se articula com as pluralidades sociais e culturais. No entanto, com o processo de subalternização a que fomos submetidos, fruto da colonização moderno-europeia sofrida pelos povos da América do Sul, nos deparamos com a criação e defesa de um conceito universal, pautado na lógica eurocêntrica de infância.

Partindo de uma episteme do sul, propomos pensar em *infâncias*, como conceito plural que legitima os diferentes modos de ser e estar infantis. Dialogamos com Kohan, a partir de um giro epistemológico que nos desafia a olhar as crianças a partir do que elas têm; de entendê-las não como o *in-fans* moderno, o sem fala, mas como a possibilidade, a afirmação e a potência.

Defendemos que o cotidiano da educação infantil precisa oferecer experiências para as crianças, tendo o trabalho pedagógico realizado com esta faixa etária referendado em diferentes linguagens, que respeitem suas vivências e lhes proporcionem descobertas que estão para além da preparação ou antecipação do processo de alfabetização. Neste sentido, Sarmento nos convida a compreender essa construção social que é a infância, feita por sujeitos historicamente situados e definida a partir dos limites etários arbitrários que são impostos às crianças, de representações sociais, crenças, dispositivos de socialização e controle que a instituíram como categoria a partir da modernidade.

Concomitantemente, nos propomos a (re)pensar a avaliação na educação infantil a partir do trabalho pedagógico realizado na pré-escola, onde encontramos a possibilidade de refletir sobre as concepções de infância e de educação que são propostas para esta faixa etária. No que diz respeito à avaliação, encontramos em Esteban e Hoffman a afirmação da necessidade de reconstrução do significado da pré-escola e de suas práticas avaliativas. Um novo olhar que se fundamente em outras concepções de criança, de desenvolvimento e dos caminhos por ela percorridos em suas aprendizagens. Destacamos que não pretendemos responder as questões ora apresentadas, mas, objetivamos, principalmente, problematizá-las, para tentar compreender as questões que atravessam as infâncias, a educação infantil e as nossas práticas, especialmente as propostas avaliativas do/no cotidiano da pré-escola.

**Palavras-chave:** infâncias – avaliação – educação infantil.

## **PROFESSORASPESQUISADORAS: PRÁTICAS E (DES)APRENDIZAGENS COM O COTIDIANO DA EDUCAÇÃO DAS INFÂNCIAS**

**Dilcelene Quintanilha de Resende Cordeiro  
Fabiana Eckhardt**

O presente trabalho apresenta contribuições de uma pesquisa realizada durante curso de mestrado, forjada pelas inquietações de professoras que, diante do cotidiano, veem suas frágeis concepções de infância e aprendizagem ruírem e reconhecem a necessidade de problematizar suas práticas, reinventando-se, então, como *professoraspesquisadoras* (ESTEBAN e ZACCUR, 2002). Ao tomar a pesquisa como elemento constituinte da docência, tanto na formação quanto no exercício, e entender como Freire (1996) que *não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino*, as *professoraspesquisadoras* recusam os modelos hegemônicos de pensar a escola pública como lugar de produção do fracasso, de pensar a professora como responsável por este fracasso e de pensar as crianças como vítimas passivas desse cruel processo de exclusão social. E dessa forma, passam a considerar os múltiplos *espaçostempos* nos quais se forma uma professora, contextos que se articulam, formando uma rede de relações. Nesse caso, em destaque o campo das práticas pedagógicas cotidianas, que nos apresenta a sala de aula como espaço de possibilidades formando a *professorapesquisadora* na intenção de desnaturalizar a organização da escola e, por isso, possibilitar novas leituras, novas significações e novas práticas no espaço escolar. Como resultado do processo formativo de investigação de suas próprias práticas, as *professoraspesquisadoras* (des)aprendem. Desaprendem a crer na existência de um único *saberfazer* absoluto, onipotente, porque validado cientificamente, testado e aprovado na prática, sem que seja necessária a reflexão sobre ele. Saberes. Fazeres. No plural, nunca no singular. Infâncias e não infância. É o que se pode ver no cotidiano escolar quando se rompe teórico-epistemologicamente com a colonialidade do saber e se lança à construção de uma escola mais democrática. Desaprendem a dicotomia teoria x prática que por tanto tempo cerceia o fazer acadêmico e, como consequência, em muitos casos, o fazer pedagógico no cotidiano escolar. Com esse rompimento há de se recriar as bases que sustentam as relações entre universidade e escola, entre pesquisadora e professora, entre a professora e as crianças e dar mais espaço para experiências (trans)formadoras que podem propiciar a compreensão de que *teoria e prática fazem parte do mesmo processo* (GARCIA, 2003). Desaprendem a concepção da seleção natural das crianças: umas nasceram para aprender, mas nem todas. Firmam o compromisso político com a crença de que todos somos capazes de aprender, não

as mesmas coisas, nem do mesmo modo, nem ao mesmo tempo. Trata-se de compromisso político porque não há posicionamento neutro e cada professora traz em si sua concepção de aprendizagem. No cotidiano escolar, junto às crianças e demais professoras, a *professorapesquisadora* experimenta o seu lugar como lugar de tensão entre *saber-poder* e de repensar coletivamente um outro *saberfazer* pedagógico.

**PALAVRAS-CHAVE:** infâncias, pesquisa e (des)aprendizagem